

José Neres

**sombras na
escuridão**

contos

www.joseneres.blogspot.com

← 2

Digitação / diagramação / Revisão
José Neres

Esta obra literária será disponibilizada na internet, podendo ser copiada livremente e distribuída por todos os meios eletrônicos, ficando, porém reservados ao autor todos os direitos de adaptação ou distribuição por outros meios de comunicação.
Em caso de uso de algum dos textos deste trabalho, favor citar a fonte e a autoria.

Neres, José (1970 -)

Sombras na escuridão: contos ; José Neres – São Luís:
Edição disponível na internet (www.joseneres.blogspot.com),
2010.

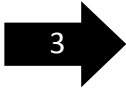
92p.

ISBN: 978-85-904976-8-4

1. Literatura Brasileira – contos

1. Título

CDU: 82 - 34



Dedico este trabalho às pessoas que são sempre especiais em minha vida e que sempre me apóiam nas constantes lutas com as palavras:

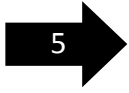
**Lindalva, Gabriel e Laura
Dino Cavalcante
Nonato Marreiros
Antonia Nilda**

**José Ewerton Neto
Joaquim Gomes
Elaine Casale
Omar Carmona**

**Todos os meus alunos
Todos os meus professores
Amigos em Geral**



PARTE I - CONTOS



PALAVRAS DO AUTOR

Este livro é apresentado agora pela primeira vez ao público. Optei pela versão digital por atingir um público bem maior que os volumes físicos em papel, por causa de seu baixíssimo curso operacional.

Ele é composto de duas partes. Na primeira, o leitor encontrará textos mais longos com temáticas distintas, mas contando sempre com personagens angustiadas que vivem à beira o precipício existencial. Na segunda, temos micro-contos carregados de violência e de ironias. Deixo ao leitor o direito de esmiuçar os meandros das narrativas.

De minha parte, fica apenas o agradecimento aos que lerão este trabalho e o desejo de bons momentos de diversão.

A PROFESSORA

O Sinal, estridente, bateu. Os alunos invadiram a sala de aula para o primeiro dia de estudos naquele ano letivo. Eu, que era novo no colégio e não sabia o lugar exato onde ficava a sala, fiquei para trás, meio perdido, mas logo me encontrei. Entrei na sala. Rostos desconhecidos que nem olhavam para mim. Vontade de ir embora. Vontade de voltar para a antiga escola. Vontade de sumir. Mas vontade nunca foi igual a coragem ou oportunidade.

Sentei-me. Ereto e tenso fiquei. Esperei o início das aulas.

Novamente a sirene tocou. O colégio era bastante rígido com os horários. O primeiro sinal era para a entrada e acomodação dos alunos, o segundo anunciava a chegada dos professores à turma. À chegada dos mestres todos deveriam levantar-se e sentar-se novamente, só era permitido após uma ordem dos professores. A cada troca de disciplina, com a chegada de um novo regente, o ritual se repetia. O mesmo deveria ocorrer quando da visita inesperada ou não, dos diretores, da coordenadora ou de qualquer outra autoridade escolar.

Os alunos pareciam estar habituados às normas. Eu, como vinha eu de uma escola religiosa, já me acostumara a esse sistema e nada estranhava.

Entrou a primeira professora. Era alta, bonita, elegante, e vestia uma roupa justa que deixava antever suas formas curvilíneas. Os garotos, todos entre 14 e 15 anos ficaram entusiasmados e derramaram um olhar de malícia quando ela se virou para pôr seu nome e a disciplina no quadro. As meninas fecharam a cara, mas algumas não conseguiram esconder o olhar de inveja.

Começou a aula.

A voz autoritária e forte da professora foi, aos poucos colocando gelo no ardor da rapaziada. Mas, mesmo assim, não eram poucos os que, de forma involuntária, protegidos, pelas tábuas da carteira da frente, acariciavam sutilmente a genitália cada vez que ela se virava para o quadro e deixava a vista suas nádegas volumosas e firmes.

Chegou a hora da chamada. Um a um os nomes eram pronunciados. O meu, por causa da famosa ordem alfabética era sempre um dos últimos. Esperei minha vez acompanhando com um olhar cada levantar de braço e cada “presente” que saía.

De repente, um nome chamou minha atenção. Um nome, não, um sobrenome. A pronúncia compassada da professora não deixava dúvidas: ali, na sala, havia algum parente de alguém a quem eu não via há mais de dois anos, mas que deixara fortes marcas em minha memória. Eu queria saber por onde ela andava...

Busquei com os olhos a dona do nome que me chamara a atenção. Ela levantou a mão e seu “presente” saiu de modo tímido, num tom baixo e meigo. Olhei para ela com o desejo de gravar suas feições... eu precisava falar com aquela garota no intervalo...

Era difícil confundi-la com qualquer uma das outras meninas da turma. Era o que podemos chamar de garota feinha. Dentes saltados, olhos meio estrábicos, rosto comprido e cabelos maltratados. Contudo emanava doçura do olhar.

Ela estava duas carteiras à minha direita. Isso facilitou minha visão. Eu precisava falar com ela. Precisava, precisava, precisava...

Meu nome foi chamado. Respondi mecanicamente. Não ouvi mais os últimos comentários da professora sobre as atividades que deveriam ser entregues na aula seguinte. Eu havia mergulhado no abismo de minhas memórias.

De repente, me vi alguns anos antes, sentado em uma outra escola, embevecido com as palavras da professora Eneley. Ela ensinava de modo mágico. Os alunos sem exceção, pareciam hipnotizados por suas explicações claras e lógicas.

Um segundo depois, fui levado para o dia em que ela, com os olhos em lágrimas, anunciou que ia se casar. A turma explodiu em alegria. Todos queriam abraçá-la e dizer parabéns. Até eu, em minha timidez, dei um grito de felicidade.

A partir desse dia, todas as aulas alguém perguntava quando seria o casamento. Ela, com seu belo sorriso, respondia que quando o dia estivesse definido, nós seríamos os primeiros a saber.

A data nos foi comunicada no exato dia em que um aluno novato entrou para a escola. Ela era mais velho que nós e não era muito dado a gentilezas. Ficou logo antipatizado pelo restante da turma. Mas por ter um porte físico avantajado, impunha respeito e se aproveitava da força e da violência para conseguir o lanche e o pouco dinheiro dos menores. Se alguém denunciasse, levava uma cotovelada, um cascudo ou um chute na canela. Ficou conhecido na escola como Nelsão.

Fomos todos convidados para a cerimônia religiosa. Como a igreja era distante, creio que só uns dois ou três alunos puderam comparecer. Para causar inveja nos demais, os felizardos não paravam de comentar a beleza da festa e os trajes impecáveis dos noivos. O que pudemos confirmar cerca de uma semana depois, quando Enelcy voltou da licença de lua-de-mel e nos mostrou algumas fotos. O álbum completo ainda não havia ficado pronto.

Nelsão foi o único a fazer cara de desdém e a soltar umas piadinhas indecentes a respeito da primeira noite do casal. Todos ficaram constrangidos, e a professora, ruborizada, desconversou.

Em um salto, meus pensamentos me levam para cós comentários da turma sobre a felicidade de nossa mestra. Todos, tirando Nelsão, compartilhavam dessa felicidade.

Num final de aula, ela anunciou que estava grávida. A bagunça foi tão grande que a diretora teve que sair de sua sala para ver o que acontecia. Quando soube da notícia, ajudou na bagunça com gritos e assovios. Só um aluno se retirou sem cumprimentar. E aproveitou para roubar um jogo de canetas. Meu jogo de canetas.

Voltei para a realidade com o barulho da sirene que anunciava a hora do recreio. Desesperado, via que a menina com quem eu queria falar desaparecera. Na brusquidão do levantar, derrubei meu caderno e perdi mais tempo ainda.

O pátio era imenso e a quantidade de alunos era enorme. Encontrá-la seria uma tarefa bastante difícil. Saí vagando, com os olhos atentos, mas com a mente mergulhada no passado.

A barriga de dona Enelcy já estava grande. A triste resposta de uma pergunta de uma colega curiosa e indiscreta fez baixar uma nuvem de tristeza na sala. O médico já havia avisado que aquele seria o primeiro e único filho de nossa mestra. A gravidez era de alto risco e ela teria de se afastar das atividades docentes no próximo mês. Repouso absoluto.

Só um risinho de deboche quebrou o silêncio da sala. Com lágrimas nos olhos saiu da sala. Entristecida, a turma recebeu a notícia de que aquela era a última semana da professora antes de sua licença. Dada a gravidade de seu estado, após as provas daquele mês, ela deixaria a turma com uma nova professora que seria contratada para substituí-la.

Como era um caso especial, as provas eram feitas, corrigidas e entregues no mesmo dia. A professora não podia levar preocupações pêra seu descanso. Às escondidas, as meninas preparavam uma grande festa para a sexta-feira, nosso último dia de aula com a professora. Na quarta, aconteceu o incidente que mudaria minha forma de ver o mundo. Como sempre, Nelsão tirou nota baixa. Ele começou a discutir com dona Enelcy. Ela, educadamente, tentava mostrar para ele que a resolução dos problemas estava errada. Para tentar conter os ânimos sem chamar a diretora, a professora resolveu ir para o quadro resolver as questões da prova. Antes de acabar o segundo cálculo, ouvimos a voz grossa de Nelsão dizer:

- Como a senhora vai embora mesmo, quero deixar meu presentinho para a senhora e para seus filho.

Sorrindo, ela se voltou para a turma. Ficou pálida e desmaiou.

Quase todos correram para ajudá-la. Mas eu resolvi voltar meu olhar para Nelsão e o vi com um revólver na mão. Ao me encarar, guardou a arma de brinquedo na cintura e saiu tranqüilamente da sala, levando consigo o álbum de figurinhas de um colega.

Nunca mais vi minha doce professora. Por mais que perguntássemos, nunca tínhamos resposta. Nelsão foi embora do bairro semana depois do ocorrido e ninguém soube mais notícias dele.

Agora, olho para o relógio e percebo que faltam menos de dez minutos para acabar o intervalo. Localizo,

perto da quadra, aquela a quem procuro. Aproximo-me, esquecendo minha timidez.

- Loecy?

- Sim – ela respondeu sorrindo.

- Loecy Cardoso Amarante?

- Sim, sou Loecy Cardoso Amarante. Você me conhece?

Fiquei sem jeito, gaguejei um pouco , mas falei:

- Você é parente da professora Eneicy Cardoso Amarante?

O sorriso dela desapareceu totalmente:

- Ela é minha irmã.

Um sorriso começou a brotar em meus lábios.

- Que bom! Eu fui aluno dela no Estrela da Manhã.

Você tem notícias dela?

- Tá brincando? Notícias dela?

- Sim, ela saiu do colégio e não voltou mais.

- Você não ficou sabendo? Não contaram para vocês?

- Não. O quê?

Como um fio de lágrimas rolando pelo rosto, ela me contou:

- Ela um dia estava em sala de aula, quando um aluno apontou um revólver para ela. Ela passou mal e desmaiou, quando acordou, o médico disse que ela havia perdido a criança. Foi demais para ela... Ela ficou louca. Não lembra de ninguém. Se você quiser pode ir visitar domingo no Hospício Nossa Senhora da Compaixão.

Ela está louca! Louca! Louca! Estas palavras ecoaram alguns segundos por meus ouvidos, até que o

toque da sirene veio me encontrar no meio do pátio, atônito. Todos voltam para a sala. E eu precisava voltar para a realidade, para não enlouquecer junto com a minha professora querida

POESIA

Chega o final da tarde. Sento-me em um banco da praça e vejo as pessoas passando. Espero alguém em especial. Alguém que certamente não ficará feliz em me ver. Na mão, uma foto de 15 x 12 orienta meu olhar. É cedo ainda. Tenho o costume de chegar pelo menos meia hora antes do esperado. A paciência é minha maior virtude.

Do outro lado da praça, passa alguém com quem nunca conversei, mas a quem admiro muito. Os passos tranquilos e firmes, a barba branca, a pele rosada, o guarda-chuva, a camisa branca e a pasta preta não deixam dúvida. É o poeta Nauro Machado. Acompanho seu andar com os olhos. Não quero que nada de mal aconteça com ele. Eu gostaria muito de pedir um autógrafo, mas o momento não é oportuno, pois a pessoa que espero pode chegar a qualquer minuto. O autógrafo ficará para outra hora. O poeta desaparece numa esquina, mas seus versos tantas vezes repetidos ainda ecoam em minha cabeça.

“Meu corpo está completo, – o homem não o poeta.

***Mas eu quero e é necessário
Que me sofra e me solidifiquem em poeta.”***

Assim também me sinto. Meu corpo está completo, como poderão confirmar as inúmeras mulheres que se deitam comigo. Umas por dinheiro, outras por capricho apenas. Todas elas confirmaram que meus músculos cuidadosamente esculpidos em academia são firmes e podem levá-las ao prazer total. Realmente, como homem, estou completo, mas ainda estou aperfeiçoando a minha arte, a minha poesia. Sim, minha poesia! Pois o que faço também é poesia.

Também sofro para produzir minhas obras, mas, ao contrário do Nauro, não devo mostrá-la para os outros. Nem mesmo posso deixar minhas marcas em meus trabalhos. Ser reconhecido pelo que faço seria uma glória, mas não almejo fama, apenas sobrevivência. Contudo, mesmo sem reconhecimento, de trabalho em trabalho, me solidifico em poeta.

***“que destrua desde já o supérfluo e o ilusório
E me alucine na essência de mim e das coisas,
Para depois, feliz e sofrido, mas verdadeiro,
Trazer-me à tona do poema”***

Os versos continuam ecoando em minha mente. Esse trecho é o mais dolorido para mim. Eu sou um artista que não pode ser identificado em sua arte. Tantas vezes já tive o desprazer de ver nos jornais trabalhos

belíssimos que fiz serem creditados a pessoas sem talento. Muitos cretinos ganharam projeção com minhas obras. Mas tirando isso, para mim, assim como para o meu poeta, o supérfluo e o ilusório não fazem sentido. Somente a essência interessa. Embora não possa trazer-me à tona de minhas obras, cada uma delas traz minhas digitais, é só procurar com cuidado. Mas, nesses tempos corridos, ninguém parece ter tempo para prestar atenção nos detalhes. Uma pena!

**“Com um grito de alarma e de alarde
Ser poeta é duro e dura
E consome toda
Uma existência.”**

Sem dúvida alguma minha vida é bem mais dura que a de um poeta que faz arte apenas com as palavras ao vento ou no papel. Mas não posso negar que meu fazer artístico também consome e consumirá toda a minha existência. Nada posso fazer! Apenas evitar que os gritos de alarma e de alarde atrapalhem meu quase silencioso trabalho. No meu caso, muito barulho pode até impedir que eu me solidifique em artista, em poeta...

Devaneei um pouco. A poesia sempre me deixa nesse estado de quase alucinação. Tiro o poema da cabeça e volto a me concentrar nos transeuntes. Olho rapidamente a foto e identifico a pessoa que espero. Um

metro e setenta e quatro aproximadamente, uns setenta quilos, olhos castanhos, óculos de grau, cabelos ralos, cerca de quarenta e cinco anos, nariz meio torto, uma grossa aliança na mão esquerda... Não tenho dúvidas. É ele a quem espero...

Levanto-me e vou ao encontro do homem. Novamente as palavras do poeta voltam a passear por meus pensamentos. Enquanto Nauro usa tinta e papel para produzir uma alentada obra, eu tenho que recorrer a instrumentos mais grosseiros.

Aquele homem tem pouco mais de uma hora de vida. Minha missão é fazer com que seus últimos minutos virem pura poesia. O pagamento, a esposa dele já depositou em minha conta na semana passada.

SACRIFÍCIO

O bolo já estava sobre a mesa. Vinte anos de casamento! Ela colocou seu melhor vestido e separou para ele uma roupa nova, comprada especialmente para a data.

Sentado na poltrona, o marido acompanhava atentamente os movimentos da esposa. Os olhos dançavam dentro das órbitas. Ela se aproximou, beijou os lábios de seu amado e as primeiras lágrimas começaram a escorrer pelas faces. No canto, o aparelho de mp3 envolvia o casal com a música ouvida na noite de núpcias e agora baixada a duras penas da internet.

Nos olhos dela, foram projetados os momentos felizes que viveram. O primeiro contato visual. A apresentação. O suor nas mãos. O primeiro e desajeitado beijo. A mão boba nas coxas. A dolorida penetração que rompeu seu hímen. O pedido de casamento. A festa. A lua-de-mel...

Mas, deixando as marcas de uma dor, vieram também os momentos difíceis. Desfilando pela procissão de lágrimas, apareceram, um após o outro, os

acontecimentos que ela queria que fossem apenas parte de um sonho ruim...

Uma semana após o casamento, ainda com alguns presentes sem abrir, veio o acidente. Ele saiu para ver os pais. Dezenove anos de idade e a primeira semana longe da casa de papai e do café da mamãe... Na cabeça, a imagem da amada. Na boca, o gosto de seus beijos. Nas narinas, o perfume do corpo dela. No caminho, um carro desgovernado...

Os três meses seguintes foram vividos no hospital. Vida e morte se confundiam nos exíguos boletins médicos. Mas uma notícia já era conhecida: “Caso ele sobreviva, ficará tetraplégico.” As lágrimas foram o consolo da viúva em vida.

A volta para casa foi demorada, triste, estranha... Tudo teve que ser adaptado. As palavras foram substituídas por olhares de sofrimento. As carícias físicas foram substituídas pela limpeza dos excrementos.

Mas o amor sobreviveu.

Os dois corpos se fecharam para os prazeres. O dele, pela incapacidade. O dela, pela solidariedade, pela fidelidade, pela esperança de um verdadeiro milagre.

Dois dias depois do acidente ela comemoraria seus dezessete anos. Uma data que nunca foi lembrada, por ninguém.

Hoje, com quase trinta e sete anos de vida, diante do bolo que ano após ano era servido na boca do marido, ela avalia o tamanho do sacrifício.

De nada se arrependia. Nem da juventude que viu passar sem colher os frutos. Nem das centenas de noite mal dormidas a velar o sono leve e agitado do amado. Nem o exílio voluntário de quase duas décadas. Nem da culpa dos desejos carnavais satisfeitos com as mãos para não macular o corpo com outros odores. De nada se arrependia. De nada mesmo. Mas, sabia, chegava a hora do maior dos sacrifícios.

Limpou carinhosamente com um lenço bordado a baba que escorria do canto da boca do marido. Beijou-lhe o rosto pálido. E deu-lhe um pedaço úmido do bolo. Um gole de suco ajudou-lhe a deglutir o alimento. Um par de lágrimas acompanhou o esboço de sorriso que ele ensaiou.

Levantou-se. Aumentou o volume da música e voltou para perto do motivo de seu sacrifício. Com os olhos brilhantes, esperou que a substância misturada ao suco e à massa do bolo fizesse o mais rápido possível o seu efeito.

Seu último sacrifício foi o único que lhe doeu de verdade.

A SAÍDA

- **E aí, rapaz, alguma novidade para mim?**
- **Nenhuma, cara, tudo na mesma.**
- **Que droga! O fim de semana está chegando e eu estou a fim de pegar alguém diferente. Alguma idéia?**
- **Não todas as minhas colegas você já pegou. Porra, cara, você não deixa passar uma, heim?**
- **Que nada, sou é fraco. E aí, nenhuma nova?**
- **Acho que não. Peraí, cara, acho que tem a Ângela, uma chegada minha que mora lá no Conjunto Novo. Essa eu acho que você não traçou ainda.**
- **Acho que não, como ela é?**
- **Morena clara, olhos e cabelos castanhos, , coxa grossa, peitão grandão...**
- **E o resto?**
- **Ah, o resto você tem que descobrir, mas garanto que é material de primeira.**
- **E ela topa?**
- **Como não? Ela dá e com vontade, cara. Principalmente agora que descobriu que o noivo dela, lá**

do interior, estava com outra, tem dado para quem pede...

- Oba!!!

- Mas tem um probleminha...

- Qual é? Não me diz que ela ta bichada?

- Não. Não é isso. Ela é limpinha e só sai com camisinha.

- E então, qual é o problema?

- É... Como vou dizer? É.. que ela diz para quem quiser ouvi que não se deita com preto.

- É. O caso é serio. Se eu fosse pobre, podia fingir que era rico; se fosse burro, podia dar uma de inteligente, mas não da para disfarçar que sou preto, não é mesmo. Mas já comi muita mulher que disse que não transava com preto e depois tive que partir para a ignorância para me livrar dela.

- Mas essa é osso duro. Ela sempre diz que com preto e com homem de fusca ela não se deita.

- Mas não custa nada tentar. Você já foi lá?

- Ora, que pergunta. Umás três vezes. Depois enjoiei.

- E ela faz o negócio direitinho.

- Rapaz, depois de uma surra de cama, deixa qualquer pau mole.

- Boa mesmo?

- Sem dúvida.

- Tem o número dela?

- Tá no meu celular. Anota aí.

- Alô, é a Ângela? Não. Não você não me conhece, não. Como soube do número? Ah! Foi um amigo nosso, o Olívio. Tem tempo para uma conversinha? Que bom. É, eu estava conversando com o Olívio e ele me falou de você. Não, o que é isso, nada de mais. Somos amigos. Ele me disse que você talvez estivesse livre este fim de semana. Está de folga? Que bom. Bem que a gente podia se conhecer melhor. Não! Não sou casado. Não se preocupe. Sou livre e desimpedido. Minha idade? Trinta e seis anos. Então, topa? Podemos ir a um show. Gosta de Mel com Terra? Também gosto muito. Tenho dois ingressos para o show. Não. Não se preocupe. Podemos falar à vontade. Meu celular não é de cartão e quem paga a conta é a empresa. Ah, sim, depois do show podemos comer alguma coisa e estou pensando em passar o final de semana em um hotel da Litorânea. Você me espera na porta? Tudo bem. Meu carro é um meriva verde. Se eu sou preto? Isso você vai ter que descobrir na hora. Beijos. Até a noite. Eu ligo se não encontrar o seu endereço. Ah, ia esquecendo, meu nome é Roberval, mas todo mundo me chama de Santos. tchau. Beijos...

- Boa noite!

- Boa noite!

- Sabe me informar onde fica a rua*?**

- Sim. O senhor pega a próxima entrada à direita e depois entra no canto do mercadinho.

- Obrigado, senhora.

- Não foi nada.

- Oi, você é a Ângela?

- Sou, sim, e você é o amigo do Olívio?

- Sou eu mesmo, o Santos, conversamos por telefone e...

- Pois pode dar meia-volta. Não saio com pessoas pretas. Prefiro ficar em casa vendo televisão.

- Mas...

- Não tem mais nem menos. Não vou e pronto. Sou bem sincera. Não saio com preto e pronto. Não vou mentir.

- E os ingressos? Você não quer ir ao show de forró? Não quer me conhecer melhor, para não tomar decisões precipitadas?

- Tchau e boa noite. Leva alguma mulher que goste de pretos. Eu é que não vou. Boa noite e esqueça o meu telefone.

- E aí, Santos, quanto tempo!

- Pois é, rapaz, tive que viajar para longe. Sabe como é, né, a empresa manda e a gente obedece. Que há de novo?

- De novo nada. Apenas a mesmice de sempre.

- É parece que nada muda por aqui. E como vai tua amiga racista?

- Quem? A Ângela? O que você não soube?

- Não soube o quê?

- Ela morreu.

- Morreu? Mas como?

- Rapaz, deu em todos os jornais. Mas que besteira minha, você estava no exterior, não lia os jornais aqui da província.

- Meu Deus, o que aconteceu, foi acidente? Ela parecia tão saudável!

- Não. Meu amigo, foi assassinada.

- Assassinada, mas já descobriram o assassino?

- Não a polícia ainda está investigando. Lembra da Neidinha e da Ritinha?

- Claro que sim...

- Foram as últimas pessoas que viram a Ângela com vida. Disseram que ela estava toda animada porque ia sair com um cara ricão, parece até que era gringo.. mas nenhuma delas nunca viu ele.

- E aí?

- E aí que ela foi encontrada morta em um quarto de motel lá para as bandas do Araçagy.

- Meu Deus!!!

- Pois é, Santos, a perícia disse que ela foi drogada e estuprada. Os jornais dizem que ela foi violentada por cinco ou seis homens. Mas não deixaram nenhuma pista. Eram uns verdadeiros animais.

- É... e com certeza não eram negros.

TRISTE PARTIDA

- É chegada a hora da partida!

Essa frase caiu como um tropel de cavalos ao ouvido de Matilde. Hora da partida. Ela olhou o rosto tranqüilo de Mateus, apertou sua mão e disse “Adeus”.

Há cinco meses, ela pensava que tal frase jamais seria dita. Há cinco meses ela acreditava que havia encontrado a felicidade eterna. Mas agora a hora do adeus era uma certeza, uma triste certeza.

Então, levado por seus amigos, Mateus partiu. O cheiro de seu perfume ainda estava nas mãos da mulher amada. A pequena cidade não compreendia a partida de Mateus, mas todos sabiam que ele faria falta.

Ao ir embora, Mateus levava consigo diversos segredos dos momentos de prazer divididos entre aqueles cinco meses de felicidades.

Matilde respirou fundo, mordeu os lábios, cerrou as pálpebras e começou a lembrar o que deveria esquecer e a esquecer o que queria lembrar, num fluxo que alternava leves sorrisos e leves rictos de amargura.

Mateus passeava pelo largo da igreja, havia acabado de chegar do Paraná. Alto, alourado, bonito e falante,

virou logo o centro das atenções das moças de as mulheres casadas da cidade. No começo, cada olhar seu despertava interesses e fofocas. Boatos davam conta de que ele tinha caso com fulana, fulana e fulana – todas casadas ou noivas. Em pouco tempo, o jeito doce do rapaz, seu tratamento gentil para com todo mundo essa mania de ajudar as pessoas apagava as fofocas e fizeram dele uma figura indispensável em todas as festas, em todas as partidas de futebol, em todas as rodas de bebidas e as putarias da rapaziada, Mateus era craque que marcava os gols mais bonitos para o time, era o fotógrafo, que tirava as melhores fotos, era o intérprete dos estrangeiros que chegavam à cidade... era, enfim, um santo em quem se podia confiar, um amigo sempre pronto a ouvir, um conselheiro digno de respeito.

Semanas após sua chegada, Mateus domina a cidade com o brilho de seus olhos azuis.

Namoradas? Todas as mulheres só não davam um braço para tê-lo por uma noite porque precisariam do braço para apertá-lo de encontro aos seios. Muitos boatos. Nenhuma prova. E boato sem prova vira vidro de éter sem tampa.

Mateus andava pelo largo da igreja, quando notou Matilde pela primeira vez. Seus olhos ficaram mais azuis, sua boca ficou seca. De onde teria ela surgido? Por que nunca a vira antes?

As respostas vieram sem necessidade de perguntas. Matilde era filha única do presidente da Câmara dos Vereadores, sobrinha querida do prefeito, a filhada do

juiz e do delegado. Moça rica, estudou fora e, formada, voltava para assumir um cargo qualquer criado especialmente para ela no município. Chegara no dia anterior.

À primeira vista, a beleza de Matilde parecia comum. Baixa, nariz afilado, olhos acaramelados, corpo moldado em academia, boca carnuda e voz aveludada compunham seu perfil de mulher atraente. Bastava, porém, um olhar mais atento para qualquer homem perceber que por trás daquela atraente simplicidade reinava o império dos desejos. Ela respirava erotismo. Em cada gesto seu estava um doce convite para o sexo. Até seu perfume natural e sua voz levemente rouca eram capazes de fazer um homem delirar de desejos.

Mateus não resistiu ao convite aquele corpo e, dias após o primeiro contato, estavam namorando. As demais mulheres da cidade aceitavam a derrota e não viam como disputar aquele homem tão especial.

Esquiva durante os beijos e braços mais ousados, Matilde fugia aos toques de Mateus. A cada recusa, mais se acendiam os desejos do rapaz, que muitas vezes, após um contato físico mais demorado, não conseguia esconder dos colegas o tamanho e a firmeza de sua paixão. Diante de tão sólida prova de desejo, as poucas colegas de Matilde riam e jogavam piadinhas.

Acreditando que o caminho já havia sido aberto por algum rapaz da cidade, Mateus não se fez de rogado e implorou pela concretização dos atos tantas vezes quase iniciados.

Seu desejo foi realizado, mas, para sua surpresa, a resistência à penetração, o grito de dor e a mancha de sangue deixada na areia da praia provavam que ele era o primeiro a afundar por aqueles belos mares nunca antes navegados. Sentiu-se envergonhado de si mesmo.

Pedir desculpas resolveria? Prometer casamento era a solução? Que fazer?

Beijou os olhos da namorada. Olhos úmidos de lágrimas, de dores e de prazeres.

Vestiram-se em silêncio. Aquele corpo perfeito e bem torneado parece que perdia agora a vitalidade e já não atraía tanto. Mas a cada novo encontro de carnes os gemidos se multiplicavam e um novo momento a sós era marcado.

As amigas alertavam Matilde para o desaparecimento de suas curvas. A comida não mais lhe parava no estômago, as náuseas se tornavam mais frequentes e, após o segundo mês sem a menstruação tão regular, um teste de farmácia serviu para confirmar o que já era esperado.

Mateus não se sentia preparado para a paternidade. Estaria Matilde pronta para dar à luz uma criança? Não seria melhor abortar antes que alguém soubesse da verdade? As amigas já sabiam? Não! Pronto. Somos jovens... Muitos filhos virão.

O serviço foi bem feito. Matilde sempre viajava mesmo... Só o casal saberia da verdade... Seria um segredo só deles... Um pacto de amor... Seriam eternamente felizes.

Curada das dores físicas, todavia ainda marcada pelas chagas da consciência a garota esfriou com o amado. O medo enforcava o prazer a cada novo encontro frustrado. Os boatos que antes se evaporavam no ar, agora ganhavam provas e mais provas.

A dor ganhou proporções inimagináveis no dia em que sua melhor amiga comentou um sinal íntimo de Mateus.

Orgulho feminino ferido costuma reagir de forma violenta. Foram quatro meses de felicidade e quatro semanas de dores morais.

Mateus precisava de uma lição.

- É chegada a hora da partida!

A frase estalou aos ouvidos de Matilde. Há cinco meses ela pensava que tal frase jamais seria dita. Há cinco meses, ela acreditara ter encontrado a felicidade eterna, mas agora a hora do adeus era uma certeza, uma triste certeza.

Ela sentiu em suas mãos a maciez da pele do amado quando lhe disse “adeus”. A cidade não compreendia a partida de Mateus, mas todos sabiam que ele faria falta, o futebol jamais seria o mesmo, as fotos não teriam mais os mesmos ângulos e os estrangeiros não mais poderiam contar com um intérprete naquela pequena cidade.

Matilde abriu os olhos para a realidade.

Viu pela última vez o grande amor de sua vida levado pelos amigos, numa viagem sem retorno, financiada pela prefeitura.

Com duas lágrimas escorrendo pelos olhos, ela viu seu sonho, seu amor e seus segredos serem levados para sua última morada.

LIBERTAS QUAE SERA TAMEN

E então, ele matou sua mulher...

Acordou cedo. O sol ainda nem havia nascido. Levantou-se. Serviu-se demoradamente do banheiro. Saiu do quarto e foi molhar as plantas do jardim.

No jardim, conversou com seu pai há muitos anos falecido, pediu-lhe conselhos e ouviu os costumeiros sermões. Foi chamado de irresponsável, de apressado, de inconstante em suas decisões. Três ou quatro histórias de seus muitos deslizes da adolescência foram lembradas por seu pai, que, após fumar dois cigarros, desapareceu na fumaça do pensamento.

Sentou-se na calçada e se pôs a olhar as pessoas que começavam a passar rumo ao ponto de ônibus. Uma linda mulher de calça de lycra passou reboletiva e apressada, levando nas ancas desejos antigos e nunca mais recuperados. Um aposentado arrastava sua miséria para a padaria em busca do alimento que alargaria o tênue fio de sua vida sem esperança.

Dentro de alguns minutos, começaria o desfile de estudantes. Quase todos iam apressados. Cadernos e vidas com muitas páginas em branco correriam para pegar as primeiras aulas, mesmo sabendo que as primeiras lições do dia já estariam esquecidas com o chegar do crepúsculo.

A vida passava em sua porta.

Pegou a bicicleta e deu uma longa volta pelo bairro. Aproveitou para guardar na memória alguns becos e algumas ruas para as quais nunca dera importância. Sabia que talvez nunca mais voltaria a ver tais lugares.

Na esquina de uma rua, respirou fundo. Levantou os olhos para o céu e sentiu que uma solitária lágrima começava a rolar por sua face.

Abriu o portão e mergulhou num lapso de tempo. Ali, brincando, estavam seus três filhos. Bebês. Crianças. Adolescentes. Adultos... Adultos saindo de casa sem olhar para trás. E ele, ali, sentindo suas forças de homem escorrendo pelo crescimento acelerado dos herdeiros e esvaindo-se pelo ralo do jardim.

O terreno apareceu vazio. Cheio de mato. Alicerces e baldrames começavam a surgir. Paredes subiam. Lajes e telhas cobriam a casa recém-construída. Reboco. Piso. Pintura. Móveis. Mudança. Tempo. Idade. Tédio.

Cada rachadura na parede era uma ruga em seu rosto. No seu e no de sua esposa. Os cuidados não eram para remoçar a casa, mas sim para fazê-la menos velha aos olhos dos outros. Mas chegou o tempo em que não há mais o que esconder. O revestimento e a pintura, assim

como as diversas camadas de maquiagem, já não mais escondiam a verdadeira idade, apenas tornavam ridícula cada tentativa de parecer o que já não era.

E a liberdade? A liberdade transformou-se em um mero vagido abafado pelas paredes dos eternos tormentos. O desejo de ir e vir foi sufocado pela obrigação de ficar onde queriam que ficasse. Liberdade virou uma palavra vã, sem possibilidade de realização.

Liberdade tardia deve ter gosto de chocolate quente, de pudim saboreado escondido, de água gelada bebida no calor da tarde...

Sessenta anos. Sessenta anos de uma vida que não foi, mas que poderia ter sido. Sessenta anos de vida... Quarenta de prisão. Quatro décadas de liberdade algemada a um par de alianças pagas em doze prestações e desbotadas pelo fel do convívio.

Olhou para o céu e sorriu. Lembrou-se de suas aulas de latim: fiat lux, vox populi, vox dei, filia magister pulchra est, fugere urbem, verba poetarum, et coetera, et coetera... inutilia... inutilia... inutilia...

Entreabriu um sorriso e disse a si mesmo num sorriso inaudível:

“Libertas quae sera tamem”

E, abrindo os braços como se fosse voar:

“Liberdade, liberdade, abre as asas sobre mim...”

Entrou em casa. Abriu a porta do quarto. Entrou devagar. Com o gosto da liberdade nos lábios.

E então ele matou sua mulher...

Ao sufocá-la com ambas as mãos, ouviu, numa voz roufenha, dos lábios sufocados daquela que era ao mesmo tempo sua vida e sua prisão, a frase final:

“Enfim livre deste inferno de vida...”

E, num suspiro final, como um breve sorriso:

“Obrigada pela liberdade que agora me dá.”

FELIZ ANIVERSÁRIO

- Vamos lá, menina, já está na hora!

- Já vou... Tô me vestindo!

Janáina respirou fundo. Era hora do trabalho. Ficou alguns segundos olhando para a diminuta calcinha. Naquele tipo de serviço, uma peça pequena e, principalmente, transparente, contava muitos pontos a favor. Uma saia bem curta, uma blusa solta, sem sutiã, e uma sandália de salto alto completaram suas vestes. Retocou a leve maquiagem no espelho e gostou do que viu: uma aparência de moça ingênua e confiável. Na próxima semana completaria 18 anos. E na mesma data completaria também dois anos de serviço. Começou a imaginar um modo de comemorar seu aniversário. Imaginou uma bela festa, com gente bonita, muitas luzes, música nas alturas... Foi interrompida pela voz esganiçada de Rogério:

- Tá na hora!!!

- Já vou... Já me arrumei.

Era hora do trabalho. Do perigoso, mas excitante trabalho com que ela e seus dois companheiros

ganhavam a vida. Ia dar meia noite. Os três pegaram o carro e começaram a rodar.

Júnior era calado, quase nunca falava, mas, para compensar, Rogério falava pelos três juntos. E sua voz irritava qualquer pessoa. Ele, contudo, era mais que necessário para que tudo saísse bem. Entre uma baforada e outra de cigarros e várias cuspidelas para fora do carro, ele começo a falar.

- É o seguinte, o caso é exatamente igual aos outros. Já sabemos quem é o freguês de hoje. Ele tem uns quarenta anos, é boa pinta, tem um carrão importado e muito, muito dinheiro mesmo. Já pesquisei, ele gosta de meninas novinhas e não economiza grana quando o assunto é mulher. Hoje ele tem uma festa, mas nunca chega nas paradas antes de uma da madrugada e sempre sai com um filezinho para traçar. Ele é do tipo que diz que faz tiro ao alvo só para impressionar as mulheres. Nosso trabalho é o de sempre. Todo mundo já sabe o que tem que fazer. O caminho que ele faz é sempre o mesmo. Já estudei tudinho...

Pararam o carro. O lugar era deserto. Júnior, mesmo com seu físico avantajado de lutador de boxe, foi o primeiro a sair e, em segundos, já desaparecia no ralo matagal que emoldurava a estrada. Rogério, só esqueleto, mas dono de uma agilidade impressionante, entrou no porta-malas do carro, cujo banco traseiro se deslocava facilmente, deixando a passagem livre. Janáina ficou perto ao capô do carro, com a porta do motorista providencialmente aberta. O pisca-pisca ligado

era a única fonte de luz. A madrugada estava envolta em trevas.

Minutos depois, o som de um possante motor quebrou o silêncio. A garota colocou-se na posição tantas vezes ensaiada e fez cara de desespero total. Sua silhueta esbelta, com a sumária e tentadora roupa fez o milagre de fazer o condutor do veículo que se aproximava diminuir a marcha e parar muitos metros atrás do carro quebrado.

O plano era simples: Júnior imobilizaria a vítima, colocaria no porta-malas do carro. Uns dois socos era o suficiente para deixar qualquer um desacordado. Rogério aproveitava, então, para depenar o coitado. Levava relógio, carteira, todo o dinheiro. Antes de ser executado, o seqüestrado era torturado e obrigado a dar a senha de seus cartões bancários. Vários saques nos limites estabelecidos pelos bancos eram efetuados e o dinheiro era dividido entre os três na frente da vítima.

A culminância da violência, no entanto, era o momento em que, pouco antes da execução, Júnior violentava o prisioneiro de forma selvagem. Entre urros e gemidos, ele chegava ao êxtase. Essa era sua única condição para participar do grupo. Satisfeitos seus instintos animais, ele olhava agradecido para Rogério. O líder do grupo não se sentia muito à vontade com a situação. Mas tudo era válido para ver seu comparsa e amante feliz e trabalhando sem reclamações.

Ao lado deles dois, Janáina se sentia protegida. Evitava presenciar os momentos finais da vítima. No começo, os gritos de dor e de humilhação ecoavam em sua cabeça, mas agora, isso não mais importava. Ser isca era um trabalho como outro qualquer. Ali, ela podia trocar de roupa sem ter seu corpo desejado pelo padrasto. Ali, ela não passava fome. Ali ela se sentia segura e feliz.

Os corpos abandonados alimentavam a imprensa durante alguns dias, mas depois caíam no esquecimento. Vez ou outra os jornais anunciavam a captura de alguns acusados. Eles nunca foram incomodados pela polícia. Viviam tranqüilos.

O carro parou. O vidro desceu e a cabeça de um homem surgiu. A pergunta era sempre a mesma: O que fazia uma moça tão bonita perdida em um lugar tão deserto e perigoso? A resposta era também a mesma: vinha de uma festa e o carro parou de repente. Ela não entendia nada de mecânica, já estava ali há mais de meia hora e ninguém passava. Logo depois ela se aproximava do carro e alegava que não agüentava mais aquela sandália. Abaixava-se para tirar o calçado e, distraidamente, deixava o motorista deliciar-se a visão de sua peça íntima e imaginar os prazeres que sentiria com aquela jovem no motel mais próximo. Era esse o momento que Júnior se aproveitava para render a vítima e iniciar sua seção de espancamento.

Mas aquele homem tinha sido muito esperto. Parou o carro um pouco distante. As perguntas foram as convencionais, mas não veio o convite para subir no carro. Aquilo estava muito estranho. O truque de tirar a sandália não funcionaria daquela distância. Era preciso adaptar o plano.

Incomodado com o fim da conversa, Rogério esticou o pescoço para ver o que acontecia lá fora. Já era tempo do parceiro ter feito o serviço! Viu Júnior avançando para o automóvel de forma desordenada. Viu um braço esticado para fora do carro, segurando uma arma. Ouvia um estampido. Não viu mais nada. A cabeça pendeu para trás com a força do impacto da bala.

Janáina tentou correr, mas sentiu suas pernas sem forças. Uma dor lancinante a impedia de sair do lugar. Ao passar a mão no tornozelo, sentiu o calor do sangue que escorria. Só então entendeu para onde fora o outro tiro que ouvira. Chorou de dor.

Atarantado, Júnior não sabia se fugia, se ajudava Janáina ou se corria para socorrer o namorado. A paixão falou mais alto. Um terceiro tiro esfacelou seu crânio.

O silêncio só não se fez presente na cena por causa dos gemidos e dos gritos da garota, que, sem condições para fugir, viu quando o condutor do carro importado abriu a porta e, com a arma em punho, se dirigiu para ela. Um primeiro soco rendeu suas forças, deixando-a quase sem sentidos. Seu algoz rudemente levantou a minúscula saia até a cintura e, num gesto violento, rasgou-lhe a calcinha. Uma mão correu por todo seu

corpo, enquanto a outra abria a braguilha e deixava à mostra um pênis ereto. Bruscamente recostada de costas no capô de seu carro, sentiu-se invadida de todos os modos possíveis.

Gritou o mais alto que pôde. Um murro nas costas tirou quase todo o seu ar. Todo o sofrimento de suas vítimas passou por sua cabeça naquele momento. Calou. Resolveu aceitar seu destino. Uma lágrima desceu por sua face. Só teve forças para implorar:

- Por favor, não me mate! Semana que vem faço dezoito anos. Não me mate! Não me mate! Não me mate!

Sem sair de dentro dela, o homem disse:

- Semana que vem é seu aniversário?

- Sim! Não me mate!

- Então acho que você merece um presente antecipado.

Ele se afastou dela uns cinco passos, engatilhou a arma e, antes de disparar, falou calmamente:

- Feliz aniversário!

“Senhores ouvintes, boa noite!”

Enquanto a possante voz do locutor inundava o pequeno quarto alugado com as últimas notícias do legislativo, do executivo e do judiciário, vô Modesto Furtado aproximava o termômetro dos olhos míopes para, pela quinta ou sexta vez, medir a temperatura de Esperança, sua única neta.

39,4°. Um pouco mais alta que da última vez. Preocupante.

Entre um gemido e outro, a menina conseguia sussurrar, cada vez mais baixo, a única palavra que lhe vinha à cabeça:

- Vovô...

Com os olhos umedecidos e com os ouvidos atentos às informações do rádio, seu Modesto Furtado ouvia as informações sobre novas verbas para a educação, para o saneamento básico, para a saúde...

As tantas verbas do governo parecem que não eram para o povo comum. Não eram para as pessoas pobres, como as daquela família que precisava deixar a menina com o avô, para que os pais pudessem lutar pelo sustento

dos dois cômodos alugados com muito sacrifício. As novas leis criadas não viam os idosos que se matavam nas filas da Caixa Econômica em busca dos trocados que trocariam os meses de fome pelos poucos dias de magra fartura...

- Vovô...

A voz da menina parecia sumir na pouca luz da lâmpada de 40w que mal iluminava o ambiente fechado.

O velho, esquecendo-se das próprias dores, ia de um lado para outro, desesperado, sem saber o que fazer para conter aquela louca febre que se apoderava de Esperança. Pegou um pouco de água na geladeira que há meses estava quebrada. Umedeceu um pedaço de pano e começou a passar nas têmporas da menina. O tempo ia passando, lento, como se quisesse deixar para sempre aquele quadro de beleza e de tristeza.

- Vovô...

A voz de Esperança está cada vez mais fraca e mais distante. Ela aperta a mão do avô e tenta um sorriso de alento. Parece que uma súbita melhora dela se apodera. Seu corpo vai esfriando... Parece que a febre está indo embora. Adormece...

Aos poucos, o som do rádio vai ficando baixo. As pilhas chegam ao fim de sua vida útil. Deve haver alguma pilha usada ainda com carga em alguma gaveta. Ele não pode perder A Voz do Brasil. Cuidadosamente, tira a mão da neta de cima da sua. Vai até o outro cômodo, que é, ao mesmo tempo, seu quarto durante as noites cada vez mais frias; sala, quando aparece algum dos raros

parentes para visita e cozinha, quando há o que cozinhar. No escuro, tateia as gavetas e encontra algumas pilhas velhas. Volta para onde está Esperança. Ela parece dormir profundamente. Põe a mão na testa da garota. A febre parece que está indo embora.

Troca as pilhas do rádio. A voz do locutor volta a encher o ambiente.

Volta-se para a netinha. Ela está imóvel. O corpo começa a esfriar. Chama-a por diversas vezes. Nenhuma resposta. Nenhum sinal. Nenhuma respiração...

Com lágrimas descendo pela face enrugada, seu Modesto Furtado percebe que lhe resta apenas esperar pela volta do filho e da nora. Concentra-se para ouvir o resto de A Voz do Brasil, com a certeza de que a voz da Esperança se calara para sempre.

LIMITES

Depois de dez anos de casamento, o fim tão esperado se confirmou. Do marido, só pediu a distância. O pedido foi prontamente aceito. Sem comentários. Cada um para seu lado.

Ele havia sido seu primeiro e único homem. O responsável por todas as suas alegrias e por todas as suas frustrações sexuais. De tanto dormir sozinha, enquanto ele saía para beber com os amigos, acostumou-se a viver em estado quase celibatário.

Os dois primeiros meses de separação foram normais. Respondia monossilabicamente às perguntas curiosas dos amigos. Namorado? Não! Para quê?

As amigas davam conselhos Você é nova, mulher, aproveite a vida. Deixa de ser besta e sai com alguém. Não precisa de compromisso, basta aproveitar o momento. Se fosse eu nunca que ia ficar sozinha, pegava o primeiro que me interessasse...

Finalmente, depois de muitos pedidos, ela aceitou um convite para uma festinha. Coisa familiar. Poucas pessoas. Foi o que disseram. Na verdade, era uma festa

gigantesca. Muitos desconhecidos. Deu vontade de chorar de raiva, mas ficou.

Sorriu. Dançou. Não bebeu. Nada de álcool. Geração saúde. Trinta e quatro anos corpo de vinte e cinco. Seu único vício era a academia. Uma das causas também do desgaste de seu casamento. Ciumento, o marido acreditava que quando uma mulher casada quer manter seu corpo em forma é sinal de amante. Não era. Nunca foi...

No meio da festa, durante uma dança, um rapaz segurou sua cintura de um jeito mais forte e tentou beijá-la. Virou a cara. Tentou se desvencilhar. Ficou com vontade de gritar, de pedir respeito, de fazer um escândalo, de agredir o insolente. Inesperadamente, sentiu sua boca fechada por um beijo rápido e molhado. Gostou. No lugar de um tapa, retribuiu à ousadia entreabrindo os lábios.

Pista de dança mal iluminada permitiu que o rapaz explorasse com as mãos suas curvas e seus seios que nunca precisaram de sutiã. No ouvido, um sussurro, um convite. Pensou nos conselhos das amigas. Resolveu aceitar o convite para sair como rapaz. Foram para um motel.

Tudo para ela era novidade. Veio a vontade de chorar, de fugir dali... Sem a menor cerimônia, o rapaz começou a despi-la. Ela se protegeu como pôde, mas em menos de dois minutos se viu só de calcinha, com as mãos cruzadas protegendo os seios e o corpo curvado como a esconder o que o rapaz já havia visto muito rapidamente.

Sem perder tempo, ele se despiu. Ela se espantou com o tamanho do membro. Enorme.

Como fugir não podia teve que enfrentar a realidade. Até aquele momento, só havia visto o pênis de seu marido. Era covardia comparar. Sentiu todos os prazeres que lhe foram negados nos infelizes anos de casamento. O rapaz era insaciável e durante quatro horas seguidas fê-la uma mulher completa. Voltou para o apartamento quando já estava amanhecendo. O corpo dolorido era a prova de que ela estava viva. Vivíssima.

Nunca mais viu aquele rapaz. Também não interessava revê-lo. Dele ficou apenas uma informação, a idade: 22 anos. Tornou-se uma caçadora de homens. Caçadora e devoradora. Cada festa transforma-se em um campo de caça. Impôs para si mesma um limite. Não se deitaria com homem que tivesse mais de 22 anos.

Conheceu vários rapazes. Conseguiu uma certa fama nas festas. Só dormia sozinha quando queria ou quando os incômodos mensais apareciam. 22 anos era o limite. Anotou o número em um papel e o guardou dentro da agenda com números importantes de telefone. Por questão de honra, não deveria quebrar sua promessa.

Os meses seguintes foram de festa. Sempre perguntava a idade dos rapazes com quem conversava. Caso o número fosse menor ou igual a vinte e dois, ela se insinuava para eles. A notícia se espalhou entre a rapaziada daquela parte da cidade. Em pouco tempo, os entregadores de pizza, faziam revezamento para

entregar as encomendas naquele endereço mágico. O novo carteiro, certa vez, entregou as correspondências com mais de duas horas de atraso, mas com a felicidade estampada no rosto. Semana a semana, as histórias se multiplicavam. Ora era o lavador de carros do posto da outra rua que era convidado para um serviço extra, ora era um rapazinho da academia que se oferecia para uma massagem relaxante, e assim por diante...

Um dia, um rapaz de vinte anos recusou-se a sair com ela e ainda fez cara de nojo. Só podia ser gay!!!, ela imaginou. Depois foi outro, outro mais, mais outro, e outro, e outro, e outro... Deve haver alguma coisa errada! Esses meninos não querem mais o que é bom! Notou também que na nova academia na qual se matriculara não chamava mais a atenção dos garotos. Foi para outra. Nada. O corpo começava a sentir falta das carícias de um homem. Pela primeira vez, teve que apelar para serviços profissionais. Com a voz trêmula, pelo celular, acertou o preço e o local. Não esqueceu de perguntar a idade: vinte e dois. Respirou aliviada.

O serviço do rapaz foi intenso, mas monótono. Ele olhava mais para o relógio que para ela. Não sentiu tanto prazer quanto esperava. Umás duas vezes, teve a impressão de ver uma nuvem de descontentamento perpassando pelo olhar do garoto de programa. Deu-lhe o dinheiro, esperou que ele saísse e, antes de pagar a conta do motel, chorou abraçada ao travesseiro. Olhou para cima e encarou o espelho do teto. Ali estava ela. Não acreditou no que viu. Não pode ser! Foi para o banheiro

começou a mirar-se. Nem mesmo todo o tratamento facial escondia mais as rugas que vincavam seu rosto. No conjunto, continuava até bela, mas os exercícios da academia precisavam ser reforçados para esconder a flacidez que se anunciava sobre a pele.

Lembrou que muitos senhores na rua viravam os olhos para acompanhar seus passos, lembrou que os pedreiros da construção vizinha ainda assoviavam quando ela passava. Um sorriso iluminou seu rosto. Olhou-se bem no espelho do motel e gargalhou longamente...

Antes de girar a chave do carro, pegou a antiga agenda de telefone que a acompanhava desde o tempo de casada. Procurou um papel escondido entre a capa e a sobrecapa. Puxou a caneta e riscou o número vinte e dois. Logo abaixo, com uma letra bem firme, escreveu com tinta vermelha: “Novo limite: 50 anos”.

Saiu do motel cantarolando e gritando para si mesma: Me aguardem coroas, vocês vão ver o que é mulher. Mas antes, precisava ir correndo comprar um sutiã.

REFLEXÃO

Hoje, exatamente hoje, faz vinte anos da morte de minha mãe. Vinte anos! Em vinte anos, em duzentos e quarenta meses, quantas coisas mudam! Quantas coisas mudam!... Na verdade, a única coisa que parece não mudar é a certeza da eterna presença dos que estão ausentes. Dela, de minha mãe, poucas recordações materiais restaram: umas cinco ou seis fotos, uma Bíblia velha e algumas moedas antigas que ela teimava em colecionar. Guardei tudo em um baú que hoje cedo abri e limpei, como faço todos os anos nesta mesma data. Não tive tempo para saber se ela era ou não uma boa mãe. Só tive tempo para aprender a detestar algumas atitudes dela. Só tive tempo de achar que ela se vestia mal, que ela se pintava mal, que ela não sabia falar, que ela tinha mau gosto para filmes, músicas e tudo mais. Tento buscar em minha memória alguma cena alegre de nós duas e não encontro. Não a vejo desembaraçando meus cabelos, não a vejo me levando pela primeira vez à escola, não a vejo conversando comigo sobre assuntos banais. Mas guardo em minha memória seu olhar irado, suas broncas sem sentido, suas implicâncias com minhas amigas, sua

mania de não me deixar ir às festas, seus resmungos pelos cantos da casa. Ainda tenho na cabeça nossa última briga: “Você não vai e pronto!”, “Você vai ver se não vou!”, “Não vai e acabou!”... A briga foi feia, feia mesmo. Bati a porta e me tranquei no quarto, jurando vingança. O pior é que hoje, vinte anos depois, vejo que estou ficando igual a ela. Acho que minha filha, que completou dezenove anos há uns três meses parece que também não me suporta. Temos tantas brigas! Para se vingar de um dia que não a deixei ir para uma festa, ela apareceu grávida e ainda me jogou na cara que a culpa era minha. E ela estava com apenas quinze anos, a mesma idade que eu tinha quando minha mãe morreu... Esse mato cresce muito rápido sobre essa sepultura. Todo ano tenho que pagar alguém para fazer a limpeza. Trago as velas e acendo uma para cada ano de sua morte. Minha filha nunca vem. Acha que isso é perder tempo. Tiro um espelhinho da bolsa e vejo que meus traços físicos são os mesmo dos de minha mãe quando estava com a minha idade, ela morreu aos trinta e sete anos. Ainda me lembro. Na noite de nossa última briga, me lembro que ela pediu para eu fazer uma sopa. Sempre que estava muito tensa, jantava sopa. Uma mania besta que não herdei. Detesto esse tipo de comida. Contrariada, saí do quarto e fui para a cozinha. Cada pedaço de verdura que eu cortava era como se eu tirasse um pedaço do corpo dela. Eu tinha que ir àquela festa. Todo mundo ia!!! E, principalmente, Vinícius ia. Já havíamos combinado tudo! Uma idéia me saltou à mente: ela sempre tomava

calmante para dormir. Um comprimido na hora de ir para a cama e pronto: dormia como uma pedra. Mas ela só ia deitar-se bem tarde. De nada adiantaria esperar seu sono. Eu ia perder o melhor da festa. Peguei dois comprimidos e esmaguei dois no prato e servi a sopa ainda quente. Ela dormiu em poucos minutos. Eu saí e me diverti o quanto pude. O Vinícius era realmente tudo o que as meninas diziam e um pouco mais. Cheguei em casa de manhã e já encontrei as portas abertas e os vizinhos, a polícia, todo mundo lá dentro. Ela havia morrido. Ainda hoje não sei como alguém ficou sabendo da morte dela. O enterro foi no dia seguinte. No atestado de óbito estava bem claro: parada respiratória. Vaguei por algumas casas de parentes até descobrirem que eu estava grávida. Do dia para a noite, perdi quase todos os familiares e voltei para minha casa, para a solidão da minha casa. Isso teve uma importância quase nula quando descobri que não dependia deles. Sem eu saber, minha mãe havia economizado um bom dinheiro que estava depositado em uma conta. Quase chorei de alegria. Não ia precisar viver na casa de ninguém. De volta à minha casa, resolvi viver sozinha com a minha filha recém-nascida. O fantasma de minha mãe vez ou outra me atormentava, como a dizer: “Eu não disse? Eu avisei!”. Aprendi do pior modo possível o que é ser uma mulher jovem com uma criança pequena e com um bom dinheiro no banco. Durante um bom tempo, deixei de ser uma mulher e passei a ser apenas uma vagina disponível ou um cartão bancário. Pelo menos aprendi a evitar

filhos. Uma criança só já era o suficiente para dar dor de cabeça... Nunca imaginei que minha filha seria tão parecida comigo. Nunca imaginei que eu seria tão parecida com minha mãe. Hoje, vinte anos depois da morte dela, sinto que ela continua viva dentro de mim. Hoje minha filha, após uma terrível briga disse que ia me matar se eu não desse dinheiro para ela ir para uma festa. Gritei com ela. Ela gritou comigo. Ela se trancou no quarto e não saiu mais de lá até eu me arrumar e sair. Pela primeira vez senti falta de uma mãe. Pela primeira vez senti que ela era importante para mim. Hoje, exatamente hoje, faz vinte anos que minha mãe morreu. Deposito uma flor de plástico que comprei na entrada do cemitério na laje do túmulo e começo a pensar em como tudo poderia ser diferente. Se eu soubesse que ela faria tanta falta teria aproveitado cada um dos raros momentos que passamos juntas. Se eu soubesse, teria brigado menos e conversado mais. Se eu pelo menos imaginasse como seria minha vida sem ela, não teria esmagado aqueles dois comprimidos naquele prato de sopa. Se eu pelo menos imaginasse que sofreria tanto nas mãos de uma filha tão ingrata quanto eu fui, eu não teria sufocado minha amarga mãe com o travesseiro enquanto ela, dopada, dormia. Eu não teria ido àquela festa na qual engravidei de Vinícius, a quem nunca mais vi. Se eu soubesse...

MINHA BRANCA VIA O MAR

Sem família, sem amigos, sem amor, ela era uma estranha naquela terra estranha. Até sua pele destoava da dos demais. Era tratada por todos como “Minha Branca”. Não ria, nem chorava, não achava graça, nem reclamava. Aceitava tudo. Tudo aceitava.

O mar era sua única distração. Ficava horas e horas vendo as ondas que iam e vinham numa geometria infinita de um único resultado esperado. Três anos ali naquela terra que não era a sua. Três anos longe de parentes e de amigos. Três anos levantando um muro sem alicerce, um muro rebocado com espinhos, com a única finalidade de afastar quem tentasse se aproximar dos mistérios que nem ela compreendia.

Desde sua chegada, todos os dias, com chuva ou com sol, ficava duas horas seguidas vendo o mar, mas nunca se banhou em suas águas. Amava o mar, mas odiava a areia. Aqueles minúsculos grãos a irritavam mais que os desejosos olhos dos homens que, em qualquer lugar, tentavam ver além de suas vestes sempre limpas e perfumadas. As forças do bem criaram o mar e as do mal

inventaram a areia com o único intuito de destruir os momentos de prazer de quem ousasse fugir da bagunça da cidade para perder-se entre as marolas e os encantamentos das conchas.

Trabalho, mar, casa, trabalho, mar, casa. Essa era sua rotina. Ela não queria outra. O mar e o trabalho eram os únicos elementos masculinos que faziam parte de seu universo. O resto era descartável. Os comentários no escritório sobre sua possível homossexualidade não interessavam. Os risinhos das colegas de serviço eram o mesmo que nada. As brincadeiras por causa da cor de sua pele não importavam. Sua única preocupação era o e-mail que não chegava nunca.

Aquele não foi um dia diferente. Foi apenas mais um dia. Chegou a sua casa, ligou o computador e começou a ler as propagandas que se multiplicavam em sua caixa postal eletrônica. No meio das mensagens, um remetente conhecido. Com as mãos trêmulas, clicou no nome do remetente, a única pessoa no mundo que sabia seu e-mail. Um calafrio percorreu sua espinha: “Tudo feito, pode voltar.” Respondeu com um simples: “Obrigada!”. Desligou o computador e começou a se arrumar, calmamente.

Desceu sem pressa os degraus da escada. A noite começava a mostrar sua face. O porteiro, sempre solícito e atento, saudou-a com um gentil: “Vai sair, Minha Branca? Cuidado que a cidade está muito perigosa.” Naquela noite, nenhum perigo iria frear a felicidade que explodia em seu coração.

Pegou um táxi e pediu que o motorista fosse bem devagar para a praia. Ela precisava agradecer ao amigo mar os três anos de compreensão e de mudos conselhos. Ao chegar, recusou a oferta do taxista de voltar para buscá-la na hora que ela quisesse. Durante o percurso, evitou pensar em qualquer assunto. Mal chegou a seu destino, um jorro de recordações começou a inundar seus pensamentos.

Viu-se em casa, cercada de familiares, na escola, nas boates, na quadra de vôlei, namorando à beira-mar... Pela primeira vez em anos, sorriu. Mas logo sua cabeça foi invadida por outros pensamentos menos alegres. As brigas de família, as cenas de ciúme, o primo bêbado tentando boliná-la e o fatídico pic-nic na praia. Viu-se afastando-se do grupo com o primo que queria mostrar-lhe as maravilhas das dunas de areia. As dunas nunca chegavam e os amigos sumiam da vista. Os risos foram brutalmente substituídos pelos gritos de socorro abafados pelo barulho do mar, a única testemunha de seu sofrimento. As marcas de sangue na areia, o mar limpou. As manchas de sangue do biquíni foram lavadas numa poça d'água. Mas as marcas da humilhação permaneceram para sempre na memória.

Viu-se tentando disfarçar e esconder do namorado o ato infame do primo. Semanas depois, viu a cara de decepção do amado ao comprovar que não era o primeiro a conhecer intimamente aquele corpo que ela tantas vezes lhe negara com a alegação da virgindade. Os gritos de raiva ainda ecoavam em seus ouvidos...

Sem uma explicação, disse adeus para todos e partiu. Sua pele ficava cada dia mais branca à medida que se afastava de suas origens e de seus sofrimentos.

Antes de partir, uma visita a um conhecido do ex-namorado. Sexo naquele momento e uma quantia depositada todos os meses numa conta garantiriam sua vingança. Entregou-se sem ardor. Seu corpo estava fechado para os prazeres da carne. Um endereço eletrônico secreto que seria usado apenas uma vez por ele anunciaria quando o caso estivesse resolvido.

A mensagem chegou. Ela podia voltar. Mas voltar para quê? Voltar para quem? Nada lhe restava. A praia deserta lhe convidava para um banho. Tirou a roupa. Seu corpo brilhou à luz da lua. Ninguém por perto. Liberdade. A areia não mais lhe incomodava. Sua nudez não lhe incomodava. Resolveu entregar seu corpo pela quarta e última vez.

Em cada passo, uma despedida. Nos lábios, um breve sorriso. Nos seus olhos, apenas o mar, seu derradeiro e eterno amante.

REFLEXO NO ESPELHO

- **Se o senhor quiser, eu posso servir o senhor?**
- **Como?**

A frase daquela mulher me trouxe de volta à realidade. Até aquele momento, eu falava com ela como se falasse comigo mesmo, mas aquelas palavras me fizeram refletir sobre os meus próprios conceitos.

Cheguei ao bar perto das nove da noite. Os poucos fregueses nem notaram minha presença. Raramente alguém nota mesmo minha presença. Escolhi uma mesa e pedi uma cerveja bem gelada e um hambúrguer. A idéia de voltar para meu apartamento vazio não me agradava nem um pouco. A bebida chegou primeiro. Tomei um gole e, enquanto esperava, dei uma olhada nas pessoas que estavam por ali. Um casal parecia brigar, e a mulher fechava a cara e falava apenas por monossílabos. Um crioulo de boné olhava a toda hora para o relógio, incomodado com a demora de alguém. Uma linda e pequena mulher de cabelos avermelhados e olhos azuis entra e se dirige para a mesa dele. Os dois trocam

olhares cúmplices. Ele paga a conta e, sem uma palavra, saem sorridentes em um fiat vermelho. Um senhor desacompanhado devora as meninas que passam com o olhar e, distraidamente, acaricia o membro por baixo da mesa. Três rapazes discutem, exaltados, sobre futebol. Os palavrões se multiplicam e as vozes se alteram no calor da interminável disputa verbal.

O restante do pedido foi posto à minha frente. Comi devagar, sem dar importância para o sabor. Os sucessivos copos de cerveja ajudavam a fazer descer o hambúrguer. A fome foi embora, mas eu ainda precisava de motivos para não voltar para casa, para meu insuportável apartamento. Pedi mais uma cerveja e mais outra e mais outra...

Não sei de onde ela apareceu, mas, de repente, aquela mulher estava à minha frente. Seu olhar era de súplica e de medo. Seu traje chamou minha atenção. Era uma roupa muito comum, de quem não tinha a menor preocupação com a elegância e com a moda. Uma calça larga, um tênis preto e uma blusa solta, denunciadora da ausência de sutiã, compunham aquele visual que jamais despertaria meus instintos carnais.

Com uma voz cansada e quase sumida, ela disse:

- O senhor pode pagar um lanche para mim?

Fiz um gesto para ela se sentar. Ainda em pé, continuou.

- Ainda não comi nada hoje e estou com muita fome.

Se não puder, tudo bem...

- Sente, sente.

Seus olhos inquietos expressavam sinais de desespero misturado com cansaço. Perguntei o que ela queria comer. A resposta foi imediata:

- Qualquer coisa!**
- Cerveja, refrigerante ou suco?**
- Refri.**

Chamei a atendente e fiz o pedido, em dose dupla. Pedi também um pouco de urgência.

Ficamos calados. Eu olhando para ela e ela olhando para o vazio. Uma música brega enchia o ambiente. Outros clientes chegavam para curtir a noite. E nós continuávamos calados. Não sabia o que fazer, se olhava para ela ou se fingia que ela não estava ali. Fiquei entre as duas opções. Notei que, apesar de maltratada, ela era ainda jovem, provavelmente não passaria dos vinte anos, seu rosto era bem desenhado e trazia nos olhos um tom levemente esverdeado.

O lanche chegou. A boca não parava de mastigar. Um fio de refrigerante descia pelos cantos dos lábios. A fome era verdadeira. Senti prazer em vê-la comendo. Eu, que quase não ajudava ninguém, que nem mesmo soube segurar minha mulher e meus filhos em nosso lar, de repente me senti invadido por um sentimento de paz.

Satisfeita, pela primeira vez, ela esboçou um sorriso. Puxou conversa e disse que morava na rua há mais de uma semana. Brigara com a família e não tinha mais espaço na casa dos pais nem dos parentes mais próximos. Os bicos que fazia geralmente davam para a

comida, mas aquele dia fora cruel. Sua voz estava um pouco mais forte e apresenta um tom bastante suave.

Enquanto ela falava, eu viajava por meu passado, pelo casamento, pelas brigas familiares, pelas promoções, pelas viagens a negócio... Em certo momento me vi cercado de luxo, com carro do ano, apartamento amplo, muitos subordinados no escritório. Em outro segundo, eu estava sozinho no meio de meu império, lendo o bilhete de despedida de minha esposa e chorando abraçado ao desenho que minha filha mais velha me havia deixado na porta de geladeira.

Eu, que me sentia o mais infeliz dos homens, via agora diante de mim uma prova maior da miséria humana. Via no outro lado da mesa um resto de gente lutando para sobreviver. Resolvi continuar com meu ato de caridade. Imaginei o quanto poderia fazer por aquela garota. Quem sabe eu não poderia ajudá-la a reencontrar seu caminho. Pela primeira vez tive vontade de ajudar a alguém. Nos meus devaneios, nem me dei conta de minha pergunta:

- Onde você vai passar a noite hoje?

A resposta dela veio me trazer de volta à realidade.

- Se o senhor quiser, eu posso servir o senhor?

- Como?

- É, posso servir o senhor... Não é isso que o senhor quer? Não tem problema, todo mundo só quer isso mesmo, o senhor não deve ser diferente dos outros homens que me oferecem comida.

Mas eu queria ser diferente, pelo menos naquela noite eu queria ajudar alguém sem pedir nada em troca. Fiquei sem ter o que falar. Dos olhos dela vi correr uma lágrima. Pela primeira vez em muitos anos, chorei. Ela sentiu minha tristeza, tocou minha mão gentilmente, agradeceu pela comida e saiu sem olhar para trás.

Eu, envergonhado, não tive ação de chamá-la e explicar minhas boas intenções. Nem mesmo tive coragem de voltar o rosto para acompanhar seus passos. Limitei-me a segui-la pelo reflexo do velho espelho que decorava aquele bar tão imundo quanto a minha vida.

A HISTÓRIA DE UM LIVRO

- **Doutor Raimundo, já arrumei sua biblioteca.**
- **Obrigado, Rosa!**
- **Nossa, doutor, quanto livro! Cada livro grossão! O senhor já leu todos eles?**
- **Não, Rosa, nem todos, mas a maioria já...**
- **Eu arrumei tudo bonitinho. Não mudei nada do lugar, como o senhor pediu.**
- **Muito bem...**
- **Mas tem uma coisa que eu não entendi...**
- **Que foi?**
- **É que no meio de tanto livro novinho tem um todo feio, bem velhão, com a capa remendada e com cara de sujo..**
- **Você não tirou esse do lugar, não é, Rosa?**
- **Não, senhor, fiz tudo como o doutor pediu, mas que deu vontade de botar aquele livro velho lá no fundão, lá isso deu...**
- **Pois saiba, minha cara Rosa, que aquele livro velhinho e todo remendado é mais importante de toda a**

biblioteca. É o que mais estimo e o único que só vai sair dali quando eu morrer.

- Poxa! E que tem de tão especial naquele livro?

- Senta aí, que eu vou te contar.

- Sentar, eu?

- Isso mesmo, senta, que a história é um pouco longa.

- vou sentar bem aqui no cantinho, pois estou só poeira...

- Você que sabe...

- Tá bom...

- Como você já está cansada de saber, eu vim de uma família muito pobre. Lá em casa, comida era um luxo que nem sempre podia ser satisfeito. Meu pai trabalhava duro, dia e noite, para que todos os filhos pudessem estudar. Todo começo de ano era a mesma coisa: ele se matava de trabalhar para comprar lápis, caderno e caneta. Os livros nunca eram comprados. O colégio do governo dava os das matérias básicas e os professores se desdobravam para passar o conteúdo das outras matérias mais difíceis. Mesmo assim eu e meus dois irmãos estudávamos. Quando tinha uma leitura obrigatória, recorriamos à biblioteca da cidade. Às vezes, passávamos o dia inteiro lendo, sem comer, pois não dava para pagar a passagem de ida e de volta, então era melhor ir a pé e voltar à noite, de ônibus.

- Que sofrimento!

- O pior foi no dia em que uma professora novata resolveu que minha sala tinha que ler um livro lançado

pouco tempo antes. Foi um desespero. Aquela obra não tinha na biblioteca. Como comprar aquele livro? Uma fortuna. A malvada da professora ainda ameaçou dizendo: “O livro é para prova. Quem não ler, ficará reprovado. Ouviram? Re-pro-va-do!”. O prazo para leitura era de um mês. Praticamente o mesmo tempo que faltava para o final do ano letivo. Entrei em pânico. Que iria fazer se não passasse de ano? Sabia que minha família não tinha condições de comprar aquele livro e, com o pouco tempo dado para leitura, ninguém iria ter tempo de emprestá-lo para mim. Passei uma semana sem dormir direito, só pensando naquele problema enorme. Nem que minha mãe lavasse e engomasse roupas dia e noite, tendo também que comprar comida e ajudar no aluguel do barraco, teria como me ajudar. Eu estava perdido!

- E seu pai?

- Meu pai, coitado, esse mesmo que não tinha como comprar o maldito livro. Nem contei sobre isso para ele. Já tinha tanta preocupação... Faltava agora só uma semana para o teste. Nenhum dos meus colegas havia acabado de ler o livro, que era enorme e não tinha figuras, só palavras, quase todas bem complicadas. Acho que foi mamãe e contou para papai porque eu andava tão para baixo. Ele nada me disse. Mas vi que uma lágrima rolava silenciosa pelo canto de seus olhos.

- Coitado

- Foi a primeira e a última vez que vi meu pai chorar. Mas isso não foi nada.

- Não?

- Não. Isso não foi nada. Uma semana antes da data da prova, recebemos a notícia de que ele estava no hospital em estado grave. Corremos para lá. Foi o pior trajeto que já fiz em toda a minha vida. O tempo parece que não passava. O ônibus parece que não saía do lugar e, ao mesmo tempo, o mundo girava diante de meus olhos. Nem sei como não desmaiei. Chegamos lá. Finalmente chegamos lá! As notícias não eram das melhores. Meu pai fora assaltado quando voltava para casa. Como havia reagido, foi esfaqueado pelo bandido.

- Meu Deus!!!

- Já entramos chorando. Ele já havia sido operado. Mas não passava bem. Os médicos permitiram apenas uma visita breve. Seu estado era crítico. Quando me viu, meu pai esboçou um leve sorriso. Apontou para um embrulho que estava ao lado do leito. Peguei. Rasguei o papel e tive uma surpresa: era o livro. Tivemos que sair quase à força. Poucas horas depois recebemos a notícia de sua morte.

- Meu Deus!!!

- Só então toda a verdade veio à tona. Um policial contou o que aconteceu. Meu pai voltava para casa quando foi abordado por um assaltante. O bandido queria dinheiro, relógio, qualquer coisa de valor. Meu pai nada tinha. O safado olhou para o embrulho que ele trazia na mão e tentou tirar à força. Lutaram. Uma testemunha disse que ouviu meu velho dizer: “Não. Você

não vai levar o presente de meu filho”. Foi esfaqueado na barriga e caiu segurando o pacote.

- Nossa! Incrível!

- Pois é, Rosa, meu pai morreu para que eu pudesse estudar. Só muito tempo depois é que fiquei sabendo de um outro detalhe. Lembra do dia que eu disse que vi papai chorando?

- Lembro, sim, senhor.

- Pois a partir daquele dia ele passou a chegar mais tarde ainda em casa. Pensei que ele estivesse bebendo com os amigos, mas não. Ele estava era catando garrafas velhas para vender e, com o dinheiro, comprar meu livro. E é esse livro, que já li e reli dezena de vezes que fica em destaque na minha biblioteca, Rosa. Ele é o bem mais importante que eu tenho, pois nele está o sangue de quem deu a vida para que eu me tornasse um doutor... Agora, Rosa, desculpe, mas me deixe sozinho, tenho que chorar um pouco.

PARTE II – MICRO CONTOS

ORDEM DO PATRÃO

- Gente, comer pouco! Importante é sobrar muito, para engordar o porco!

TRAGÉDIA

Cega de desejo de se despir para o amante, não viu o carro do marido estacionando no portão.

DESPEDIDA

**Depois do último beijo, escovou os dentes
com vinagre e sal, para exorcizar os anos em
que beijou mal.**

DEVANEIO

**Teve um belo sonho com uma bela.
Namorou, beijou, amou... Acordou com o
bafo fétido e com os roncos da fera.**

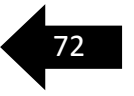
REMÉDIO

**De tão feia, o curador recomendou-lhe
chupar limão para melhorar a cara.
Melhorou...**

EM FAMÍLIA

**Na saída do motel, desconfiados, pai e filho
se encontram. Encantados, seus respectivos
companheiros trocam entre si os telefones.**

A PAZ



O silêncio de dez anos entre o casal foi quebrado por um choro, quando um deles se calou para sempre.

DESTINO

Era azarado. Na briga, quebrou a mão. No futebol, quebrou dois dentes. No casamento, quebrou a cara.

NOIVADO

Os múltiplos gritos de prazer levaram o pai a abrir a porta do quarto e conhecer seu futuro genro.

CURIOSIDADE

Sua curiosidade de moça inocente fez preencher suas noites de solidão com uma criança em gestação.

TRÊS MOMENTOS

No primeiro encontro, forçou-lhe o beijo. Sangrou-lhe os lábios. No segundo, forçou a barra. Sangrou-lhe o sexo. Depois foi embora. Sangrou-lhe o coração.

DECEPÇÃO

Encontro marcado. Ela não veio. A boca da noite engoliu minhas esperanças.

EM TRÂNSITO

Ela beijou meu pescoço. Coração bate forte no peito. Bati forte no carro da frente.

ASSOBIO FATAL

Fiu-fiiuuuu. Ela olhou. Sorriu. Ganhei a morena. Marido chegou. Perdi três dentes.

SOLIDARIEDADE

**Vi o mendigo. Ele tremia de frio. Tive pena.
Frio da noite dói. Aqueci-o. Toquei fogo
nele.**

VINGANÇA

**Nada a fazer! Tentei matar o tempo. Na hora
exata, ele se vingou.**

NÚPCIAS

**No abrir do último botão, sentiu-se
desabrochar em mulher.**

ANEMIA PROFUNDA

**Por amor dei meu sangue. Enterraram o
cadáver de um anêmico.**

FIDELIDADE

**Quando ela morreu, meu sexo para sempre
adormeceu.**

ETERNAS

**Cada lágrima que derramei por ti tornou-se
um diamante em meu peito petrificado.**

IDADE 1

Tira o sutiã e sente os seios sendo chupados pelo tempo.

IDADE 2

No motel, diante da menina nova. Tira a cueca e tudo que sente é a gravidade colocando-o de cabeça para baixo.

FINAL FELIZ

Dez anos de casados. Esqueceu o nome do esposo. Chamou-o de “Meu Bem” pelo resto da vida.

DOMINGO

O time ganhou. Bebedeira com os amigos. A porta ficou aberta para o amante que detesta futebol.

O BÊBADO

Bebeu até cair. Ao acordar, nu e dolorido, descobriu que o único ponto virgem de sua honra fora violado.

PASSAGEM

Ao ouvir o trem, jogou-se nos trilhos. Tirou passagem, só de ida, para o além.

OLFATO

Adorava o cheiro do marido, até senti-lo no corpo da irmã mais nova. Para continuar feliz, matou seu olfato.

EM FAMÍLIA

Como prova de fidelidade à família do marido, só transava com primos, irmãos e sobrinhos dele.

ADEUS

Após anos de brigas, viu felicidade nos olhos da esposa. Ele se despedia para sempre.

RECORDAÇÃO

Encontrou uma foto dele no lixo. Sorriu. Ele finalmente estava no lugar adequado...

PERSEGUIÇÃO

Ele perseguiu tanto a felicidade que ela, ao sentir-se encurralada, matou-se para conseguir em sua própria morte a felicidade.

DNA

**E se o filho não fosse realmente seu?
Bobagem! O importante é o amor que
daquele anjo nasceu!**

AZAR

**Teve um pesadelo com todos os seus medos:
impotente, casado com uma mulher linda e
tendo amputado todos os dedos.**

DESEJO

**Amava as mulheres com tanta paixão que
guardou cada centavo para virar uma.
Sucesso na operação!**

MATER

Depois de muita luta, aos 30 anos, conheceu sua mãe. Não se decepcionou. Sempre fora realmente um grande filho-da-puta.

FOREVER

Ninguém acreditava que aquele casamento fosse para toda a vida. Mas foi. Foram assassinados na lua-de-mel.

TRILHAS

De pecado em pecado, ele encontrou o caminho do paraíso.

ÚNICO

Ela teve apenas um homem em toda a sua vida. Devia a ele todas as suas desgraças.

MARCAS

A inexplicável marca de batom no pescoço foi, à noite, substituída pela marca de uma navalha afiada.

ENTREGA TOTAL

Procurava o homem ideal. Na busca, entregava seu corpo a todos. Morreu penetrada por 698 decepções.

SOLIDÃO

**Almoços... Jantares... Ele não vinha. Ela
comeu pelos dois. Ele voltou. Ela,
gordíssima. Ele foi embora para nunca mais.**

LUA-DE-MEL

**Como ela não sangrou como uma virgem, ele
a sangrou como um porco.**

TRAVESSIA

Atravessando a rua, pensou: “O carro vem longe...” Errou... A morte é que vinha bem perto.

LIMPEZA

O marido a fazia sentir-se como um lixo. Um gari da rua, 22 anos, começou a fazer hora extra na cama do casal.

ERRO

**Pensei que ela só queria meu dinheiro.
Errei... Ela me amava. Matei a pessoa errada!**

REVIDE

**O professor o chamou de cavalo. O aluno,
para provar que não era burro, deu um
coice no mestre.**

Outras Obras do Autor

Autoria individual

Negra Rosa e Outros Poemas

Poemas de Desamor

A Mulher de Potifar

Restos de Vidas Perdidas

Estratégias para Matar um Leitor em

Formação

Montello: O Benjamin da Academia

Co-autoria

O Discurso e as Idéias

Os Epigramas de Artur

Inéditos

Azulejos em Papel Jornal

As Múltiplas Cores do Batom

O Último Desejo de Catiri

